

O IDEAL E O REAL: UMA ABORDAGEM IRÔNICA PARA O CONTO “NOITE DE ALMIRANTE”

André Bozzetto Junior¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a estudar o conto de Machado de Assis denominado “Noite de almirante”, abordando-o sob uma perspectiva irônica, calcada principalmente na noção defendida por uma linha de pensamento conhecida como “ironia romântica”, que tem como uma de suas características a visão de que a condição humana estaria constantemente sujeita à ambigüidade. Esta decorre de tudo aquilo que se almeja como ideal e aquilo que de fato se pode obter no plano real. Para este estudo, o principal embasamento teórico utilizado foi a obra *Ironia e irônico* de Muecke, que expõe a evolução do conceito de ironia ao longo do tempo e apresenta as principais características da “ironia romântica”, sob o prisma da qual se realizou a análise do conto machadiano. Em “Noite de almirante”, a abordagem do conto com olhar irônico nos leva a crer que a intenção de Machado de Assis foi utilizar a desventura amorosa de seu personagem, Deolindo Venta-Grande, para evidenciar - mas sem a necessidade de emitir julgamentos - toda a imperfeição da natureza humana, com sua vaidade, seu egoísmo, suas ilusões e contradições, que fazem com que a vida seja constantemente permeada por ambigüidades.

Palavras-chave: Ironia. Ambigüidade. Infidelidade. Machado de Assis. Realidade.

Em meio à obra de Machado de Assis, uma temática recorrente é a da infidelidade. Provavelmente os exemplos mais conhecidos das diferentes perspectivas exploradas pelo autor com relação a essa temática estejam nos romances *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, mas também muitos de seus contos são permeados, de forma direta ou indireta, pelo tema da infidelidade. Este texto se propõe a trabalhar com um desses contos, denominado “Noite de almirante”, abordando-o sob uma perspectiva irônica, calcada principalmente na noção defendida por uma linha de pensamento conhecida como “ironia romântica”, que tem como uma de suas características a visão de que a condição humana estaria constantemente sujeita à

ambigüidade decorrente de tudo aquilo que se almeja como ideal e aquilo que de fato se pode obter no plano real.

O enredo de “Noite de almirante” inicia apresentando-nos seu protagonista, o marinheiro Deolindo Venta-Grande, que acabara de retornar de uma longa viagem marítima que durara dez meses.

O rapaz estava eufórico e ansioso por reencontrar a namorada Genoveva, que, segundo o narrador, era “uma caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido”, com quem havia iniciado um relacionamento três meses antes de sua partida. Os companheiros de bordo incentivavam-no e se compraziam pela sua condição, uma vez que todos os indícios apontavam para uma bela “noite de almirante” a ser vivenciada pelo rapaz, sendo que “noite de almirante” era uma gíria utilizada entre os marujos para classificar uma noite extremamente agradável, com direito a confortos e regalias, geralmente destinadas apenas aos oficiais dos navios, seus almirantes. No caso de Deolindo, a “noite de almirante” idealizada correspondia a “ceia, viola e os braços de Genoveva” (1998, p. 174).

No caminho para a casa da amada, o jovem marinheiro pensa nas palavras que iria dizer ao reencontrar Genoveva. Lembrou-se de ter cogitado abandonar a marinha e fugir para o sertão em companhia da namorada, idéia da qual foi dissuadido pela velha Inácia, que morava com Genoveva. Lembrou-se também do juramento de fidelidade firmado por ambos, que acabou fazendo com que Deolindo se conformasse em viajar, uma vez que ao jurar “por Deus que está no céu”, a moça ganhou a plena confiança do rapaz. Assim, a frase de impacto que lhe pareceu mais conveniente para o reencontro era: “Jurei e cumpri” (1998, p.175).

Porém, ao chegar à casa da amada, Deolindo fica sabendo pela velha Inácia que a moça está enamorada de um mascate de nome José Diogo e mudou-se para a praia Formosa. Com o coração dilacerado, mas também com esperanças de reverter a situação, Deolindo segue para a praia Formosa atrás de Genoveva. No caminho, pensamentos contraditórios habitam sua mente. Em certos momentos cogita matá-la, em outros preferia acreditar que tudo não passava de um mal-entendido passível de ser resolvido (1998, p. 176).

Então, a realidade se mostra dura com o jovem marinheiro: Genoveva o recebe com frieza e confirma estar apaixonada pelo mascate José Diogo. Ao questionar a moça sobre o juramento firmado dez meses antes, Deolindo ouve uma resposta que o deixa desconcertado:

- Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras coisas... Veio este moço e comecei a gostar dele... (1998, p. 178).

Atordado pela inusitada reação de Genoveva, Deolindo pensa em matá-la, mas ao dominar este impulso, julga ser mais proveitoso matar José Diogo, idéia da qual também acaba sendo dissuadido pelo “olhar de desprezo” da moça (1998, p. 178). Então, em uma última tentativa de reconquistar a amada, o jovem marinheiro lhe entrega, entre outras bugigangas, um par de brincos, que desperta grande fascínio em Genoveva. Mas para seu desgosto, a moça passa então a se mostrar mais voltada para a contemplação do mimo do que para a angustiante situação em que ele se encontrava, deixando claro que o romance entre os dois estava definitivamente acabado (1998, p. 179).

Desesperado, Deolindo vai embora dizendo que cometerá suicídio, atitude que, antes de despertar a compaixão de Genoveva, acaba por lhe render novas reações de descrédito e indolência, a exemplo do momento em que a moça comenta com uma vizinha essa derradeira ameaça do marinheiro, argumentando que “Deolindo é assim mesmo, diz as coisas, mas não faz” e acrescenta: “Coitado, são os ciúmes” (1998, p. 181).

O conto então termina explicando que Deolindo não se matou e no dia seguinte, quando os outros marinheiros vinham cumprimentá-lo e festejá-lo pela “noite de almirante”, ele respondia com “um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de alguém que viveu uma grande noite”. E a última frase do texto evidencia: “Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir” (1998, p. 181).

Em “Noite de almirante”, Machado de Assis aborda a temática da infidelidade de uma forma irônica e singular. Irônica como o é a totalidade de sua obra, que segundo Gai, pode ser vista como uma forma ampla e incansável de registrar a experiência humana e suas inquietações, direcionada menos para a obtenção de respostas, e mais para o convite à reflexão (2005). Singular porque, no entendimento de Genoveva, ela não havia sido de fato infiel, e tampouco tinha quebrado o juramento feito a Deolindo. No seu ponto de vista, o juramento havia perdido a validade no momento em que o tempo passou e seus sentimentos mudaram, bem como sua forma de pensar e suas respectivas atitudes. Dessa maneira, Genoveva se fazia crer que não tinha traído o juramento, mas apenas deixado de levá-lo em consideração, o que, no seu ponto de vista, eram duas coisas distintas, de forma que tal distinção a inocentava da culpa de infiel e a libertava de qualquer compromisso para com Deolindo.

Contudo, neste conto o tema da infidelidade parece ter sido usado por Machado de Assis como um elemento cuja função maior é instigar a reflexão acerca da condição irônica a que Deolindo estava submetido, condição essa que poderíamos classificar de forma mais específica como “ironia romântica”.

Em *Ironia e irônico* (1995) Muecke explica que foi entre o final do século XVIII e o início do século XIX que muitos teóricos passaram a atribuir à palavra “ironia” inúmeros significados novos, que diferiam consideravelmente dos existentes até então. Na Alemanha ganhava força o pensamento de “ironólogos” como Friedrich Schlegel, seu irmão A. W. Schlegel, Ludwig Tieck e Karl Solger, que integravam uma vertente teórica denominada por Muecke como “Romantismo alemão” (1995, p. 35 e 43). Teriam sido esses autores a fundamentar aquela que viria a ser denominada “ironia romântica”, cujo primeiro passo, de acordo com Muecke, foi “considerar a ironia em termos não de alguém ser irônico, mas de alguém ser a vítima de ironia, mudando assim a atenção do ativo para o passivo” (1995, p. 35). Essa vítima insuspeita, por sua vez, estaria sujeita a diferentes tipos e níveis de ironias:

...pequenas ou grandes, cômicas ou trágicas, das quais freqüentemente todos nós temos sido vítimas. Deste modo, imaginamos por trás destes acidentes uma deidade zombeteira, caprichosa, hostil ou indiferente, o destino (1995, p. 37).

Assim, com essa noção de que o próprio destino se encarrega de fomentar com ironias a trajetória do indivíduo, Muecke atribui a A. W. Schlegel a classificação de “ironia” como a reprodução da “idéia de que a vida é irremediavelmente imperfeita ou mesmo contraditória”. Ainda mostra que o autor alemão levou seu raciocínio adiante, quando cita Shakespeare como exemplo de alguém com consciência “da influência quase inevitável dos motivos egoístas na natureza humana” (1995, p. 38).

Continuando sob esse viés de tomar não apenas o destino, mas a própria natureza humana como uma fonte de ironia em si mesma, Muecke comenta também as idéias do outro irmão Schlegel, Friedrich:

A originalidade e a força do pensamento de Schlegel residem em seu firme entendimento da vida como um processo dialético e em sua insistência em dizer que o comportamento humano é plenamente humano somente quando exhibe também um dualismo dinâmico aberto (1995, p. 40).

Ainda com a intenção de elencar as principais idéias de diferentes autores que podemos entender como sendo as características da “ironia romântica”, Muecke menciona Connop Thirlwall, “um inglês que estudou filosofia e literatura germânicas”, e em 1833 publicou um artigo denominado “Da ironia de Sófocles” onde menciona a “ironia trágica” como sendo resultante da contradição entre as esperanças, desejos, medos e empreendimentos do ser humano, e um destino obscuro e inflexível (1995, p. 38). Vemos assim que “ironia

romântica” ou “ironia trágica” seriam diferentes denominações que englobam um conjunto similar de características.

Em síntese, a “ironia romântica” é aquela que coloca o homem na condição de vítima. O sujeito pode ser vitimado pelas circunstâncias do destino, sobre o qual ele não possui o menor controle, mas pode ser vítima também do próprio caráter arbitrário e contraditório da natureza humana, que faz com que a vida seja permeada pela ambigüidade.

Com base nesse referencial teórico fornecido pelas idéias dos autores mencionados, podemos então tomar “Noite de Almirante” como um conto marcado, entre outras, pela “ironia romântica”. O próprio título da obra já explicita essa ironia, quando levamos em conta que Deolindo, que aqui assume o papel da vítima, almejava uma noite de confortos e prazeres, com uma bela ceia, música e os carinhos da namorada, uma verdadeira “noite de almirante” no jargão dos marinheiros, mas o que o destino lhe reservou foi uma seqüência de frustrações e decepções, que culminou, inclusive, com a tomada de consciência de que nem mais possuía namorada.

Tão mais irônica é tal constatação quando levamos em conta que Deolindo realmente empenhou esforço e dedicação à espera de sua “noite de almirante”. Sujeitou-se a uma longa viagem marítima quando sua real intenção era fugir com a mulher amada para o sertão. Resistiu à tentação de se relacionar com outras mulheres encontradas ao longo da viagem, e depositou suas esperanças no juramento de fidelidade selado com a namorada antes de sua partida. Tais fatores, por fim, só serviram para aumentar sua frustração e fazer com que se sentisse ainda mais injustiçado com a surpresa que lhe foi reservada ao voltar para o continente.

Em alguns diálogos do conto, conseguimos identificar indícios que podemos tomar como evidências de que, mesmo para as personagens da história, a condição irônica a que Deolindo se viu submetido era mesmo um capricho do destino, uma fatalidade da vida contra a qual nada se poderia fazer. O primeiro momento em que isso é observável consiste no trecho em que a velha Inácia conta para o jovem marinheiro sobre a mudança de Genoveva e o seu envolvimento com o mascate, prevenindo-o de que isso era “uma dessas coisas que aparecem na vida” com a qual “não valia a pena zangar-se” (1998, p.176). A outra passagem de teor semelhante se observa no momento em que Genoveva está relatando para Deolindo como foi que iniciou seu relacionamento com o mascate. A moça conta que, apesar das constantes propostas do mascate, seguia recusando, “até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele” (1998, p. 177).

Contudo, se, mesmo na visão de algumas personagens, Deolindo foi vitimado por uma ironia do destino, não se pode deixar de levar em consideração a arbitrariedade e as

contradições da natureza humana como fonte de ironia de igual relevância para a condição do jovem marinheiro. Para sustentar essa idéia, podemos mencionar a postura de Genoveva, que ao desconsiderar o juramento de fidelidade firmado com Deolindo, alegando uma mudança involuntária na sua forma de sentir e pensar, passou a considerar-se livre de qualquer comprometimento para com o rapaz. Porém, o jovem marinheiro não entendeu e não aceitou tal postura por parte da moça, mas ao contrário, fez com que ele se sentisse ainda mais traído e injustiçado.

Por outro lado, o próprio Deolindo carregava consigo elementos passíveis de serem ironizados. Muecke nos ajuda a entender melhor essa situação ao afirmar que:

Assim como o ceticismo pressupõe credulidade, a ironia precisa de “alazonia”, que é o vocabulário grego para fanfarronice, mas em obras sobre ironia, é o termo reduzido para qualquer forma de autoconfiança ou ingenuidade (1995, p. 19).

Assim, a autoconfiança, bem como certa dose de ingenuidade do jovem marinheiro em acreditar e divulgar que viveria sua grande “noite de almirante”, acabaram por contribuir para o caráter irônico da situação em que se viu envolvido.

Em o *Conceito de ironia constantemente referida a Sócrates*, Kierkegaard argumenta que “no aspecto teórico a ironia estabelece um desacordo entre idéia e realidade, e no aspecto prático entre possibilidade e realidade” (1991, p. 247). Nesse sentido, nem as idéias e nem as possibilidades de Deolindo estavam de acordo com a realidade.

Gai, ao se referir a “ironia romântica”, menciona a “distância entre o ideal e o real, entre as aspirações do indivíduo e as condições efetivas da manifestação da subjetividade, sempre conflitantes”, e acrescenta que nas obras de muitos autores românticos “o suicídio é apresentado como solução para esse dilema” (2005, p. 75). Ao final do conto de Machado de Assis, Deolindo sai da casa de Genoveva tão desesperado que jura se matar. Mas não se mata. E no dia seguinte, envergonhado, omite a situação humilhante e decepcionante que vivenciou, dando a entender aos companheiros que teve, de fato, a sua tão almejada “noite de almirante”.

Essa atitude de Deolindo, de não cometer o suicídio prometido e ainda omitir o que de fato aconteceu na sua pretensa “noite de almirante”, ainda pode ser interpretada pelo viés da ironia, como sendo mais uma demonstração de quão contraditório, falível e por vezes ridículo, o ser humano pode ser. De uma maneira geral, parece ser essa mesmo a intenção de Machado de Assis ao redigir esse conto: evidenciar - mas sem a necessidade de emitir julgamentos - toda a imperfeição da natureza humana, com sua vaidade, seu egoísmo, suas ilusões e contradições, que fazem com que a vida, seja constantemente permeada por ambigüidades.

THE IDEAL AND THE REAL: A IRONIC APPROACH TO THE SHORT STORY “NOITE DE ALMIRANTE”

ABSTRACT

This assignment proposes to study the short story of Machado de Assis called “Noite de almirante”, approaching it under an ironic perspective, based mainly on the notion defended by a line of thought known as “romantic irony”, which has as one of its characteristics the view that the human condition would be constantly subject to ambiguity. It is originated by everything that is desired as ideal and of what can be in fact obtained in the real plan. For this study, the main theoretical foundation used was the work *Ironia e irônico* by Muecke, that exposes the evolution of the concept of irony throughout the time and presents the main characteristics of “romantic irony”, under a viewpoint on which the analysis of the machadian short story was carried out. In “Noite de almirante”, the approach of the short story under an ironic perspective leads us to believe that the intention of Machado de Assis was to utilize the amorous misadventure of his character, Deolindo Venta-Grande, to evidence - but without the need of expressing opinions - all the imperfection of human nature, with its vanity, its selfishness, its illusions and contradictions, that make that life to be constantly intermingled by ambiguities.

Keywords: Irony. Ambiguity. Infidelity. Machado de Assis. Reality.

NOTA

¹ Mestrando do PPGL – Mestrado em Letras UNISC

REFERÊNCIAS

MACHADO DE ASSIS. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GAI, Eunice T. Piazza. Ironia, humor e conhecimento: a atualidade de Machado de Assis. In: BORDINI, M. G; REMÉDIOS, M. L. R; ZILBERMAN, R. (Org.) *Crítica do tempo presente: estudo, difusão e ensino de literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas: Instituto Estadual do Livro, 2005.

KIERKEGAARD, S.A. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Petrópolis: Vozes, 1991.

MUECKE, D.C. *Ironia e irônico*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. São Paulo: Perspectiva, 1995.